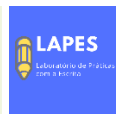


COLETÂNEA DE CONTOS DE SUSPENSE



Organizadores:
Marcus Vinicius Brotto de Almeida
& Gabriela Rocha Rodrigues



Marcus Vinicius Brotto de Almeida
Gabriela Rocha Rodrigues
(Organizadores)

COLETÂNEA DE CONTOS DE SUSPENSE

1.^a edição

ISBN: 978-65-80175-02-4

IFRJ
SÃO GONÇALO/RJ
2019

Catálogo na Fonte
IFRJ – Biblioteca Campus São Gonçalo

C694 Coletânea de contos de suspense [recurso eletrônico] /
Organizadores: Marcus Vinicius Brotto de Almeida
& Gabriela Rocha Rodrigues. - 1. ed. - São Gonçalo:
IFRJ, *Campus* São Gonçalo, 2019.
69 p. : il.

E-book
8º Concurso Literário do Instituto Federal do Rio
de Janeiro, *Campus* São Gonçalo
Exigências do sistema: conexão com a Internet,
World Wide Web browser e Adobe Acrobat Reader
ISBN 978-65-80175-02-4

(continua)

C694 Coletânea de contos de suspense [recurso eletrônico] /
Organizadores: Marcus Vinicius Brotto de Almeida
& Gabriela Rocha Rodrigues. - 1. ed. - São Gonçalo:
IFRJ, *Campus* São Gonçalo, 2019.

(ficha 2)

1. Literatura brasileira - Contos. I. Almeida, Marcus
Vinicius Brotto de. II. Rodrigues, Gabriela Rocha. III.
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Rio de Janeiro (*Campus* São Gonçalo). III. Título.

CDD B869.31

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Rio de Janeiro
Campus São Gonçalo

Reitor
Rafael Barreto Almada

Diretor-geral do *Campus* São Gonçalo
Tiago Giannerini da Costa

Diretor de Desenvolvimento do Ensino
Anderson Rocha da Silva

Diretora de Pesquisa, Extensão e Assistência Estudantil
Gleyce Figueiredo de Lima

Diretora de Administração
Paula Magalhães

Foto da capa: Seph Lawless. Disponível em:
<https://i.pinimg.com/originals/4e/39/f5/4e39f5d7370cb1e9e1e44f6aa127d940.jpg>. Acesso em: 20 set. 2018.

Sumário

Apresentação	9
<i>Marcus Vinicius Brotto de Almeida e Gabriela Rocha Rodrigues</i>	
Restos são rastros	11
<i>Antônio Castro Alves</i>	
A toxidade está entre nós	15
<i>Gabriela Cavalcanti Mesquita</i>	
Esperança	23
<i>Pedro Ribeiro Pinheiro</i>	
O melhor amigo do homem	35
<i>Pedro Fernandes de Oliveira</i>	
A dama da meia-noite	43
<i>Gabriel Ronan de Britto Silva</i>	
O bilhete.....	53
<i>Caio Torres e João Lucas</i>	
A última vez.....	59
<i>Giovanny Pinheiro Machado e Patrick Oliveira da Silva Filho</i>	
A face obscura do ódio	65
<i>Mariana Ferreira dos Santos Soares</i>	



Apresentação

É com imensa satisfação que trazemos a público esta coletânea de contos de suspense. Ela é fruto do 8.º Concurso Literário, conduzido pelos professores Gabriela Rocha Rodrigues e Marcus Vinicius Brotto de Almeida, no Instituto Federal do Rio de Janeiro – *Campus* São Gonçalo, no segundo semestre de 2018. O concurso de contos foi uma das ações realizadas pelo Laboratório de Práticas com a Escrita (LAPES), que tem como objetivo promover atividades significativas de letramento.

Na ocasião, oito escritores submeteram seus textos, tendo sido classificado em primeiro lugar o conto “Restos são rastros”, de Antônio Castro Alves; em segundo lugar, o conto “A toxidade está entre nós”, de Gabriela Cavalcanti Mesquita; e empatados em terceiro lugar, os contos “O melhor amigo do homem”, de Pedro Fernandes de Oliveira, e “Esperança”, de Pedro Ribeiro Pinheiro. A comissão avaliadora contou com a preciosa contribuição dos professores Leila Maria Taveira Monteiro, Dilma Alexandre Figueiredo, Adriano Oliveira Santos e Paulo Chagas.

No primeiro semestre de 2019, Luiza Lemoigne de Souza e Pedro Fernandes de Oliveira produziram ilustrações para dois contos desta coletânea.

Convidamos os leitores a se deliciarem com essas histórias tão criativas!

Os organizadores.





Restos são rastros

Antônio Castro Alves

— ..., mas ninguém o impedia? Ninguém o censurava por isso?

— Sabe, quando jovem leu um conto que iluminou um pouco aquela sua vida medíocre. Tornou-se um medíocre refinado, esses que são conscientes da própria mediocridade. Um conto sobre um jovem estudante. O primeiro da classe, muito educado, gentil com os colegas. Tudo isso durante o dia. À noite, em seu quarto, guardava o mais secreto dos segredos, numa caixa de sapatos. Torturava com prazer e frieza um caracol. Espetava-lhe delicadamente uma agulha. Com uma técnica tão apurada que prolongava a morte do bicho por dias e dias.

— E o que essa história tem a ver com o modo como ele julgava? Não entendi.

— Veja: um juiz não tem diante de si alguém que pode ser absolvido ou condenado?

— É o trabalho de um juiz! Ele interpreta a lei e condena ou absolve.

— Você se engana. O juiz aplica a lei. Um juiz deve ter acesso às provas, às testemunhas ficar atento aos indícios, formular hipóteses... Com tudo isso, ele vai compondo um entendimento. Como se montasse um quebra-cabeças. Ele vai lendo os sinais, os rastros, tudo o que o leve a alguma verdade...

— De novo: o que isso tudo tem a ver com o modo perverso com que ele julgava as pessoas?



— *Você acaba de dizer. Perversidade. Me acompanhe. O que caracteriza um torturador? Não é o fato de que ele é o sujeito que torna o outro um objeto, uma coisa... como um... caracol? O que acontece quando um juiz privilegia uma prova falsa, desconsidera uma hipótese, é indiferente a uma testemunha? Dizem que é melhor ser injustiçado a cometer uma injustiça. Então, a maior injustiça não seria condenar um inocente? Você está começando a entender?*

— *Acho que sim. É como se o juiz escolhesse as provas, as testemunhas, tudo o que melhor lhe desse prazer... e, a partir daí, “apenas” aplicasse a lei... uma certa... “neutralidade”.*

— *Sim. Mas por que prazer?*

— *Não é por que ele era uma espécie de juiz torturador?*

— *Muito bem! Estas ficando, eu diria... saza! Acontece que, com o passar do tempo, essa espécie de prazer, de pensar que um pobre-diabo iria apodrecer num depósito de gente, gente pobre, preta, inocente. Esse prazer diminuía. Ficava insignificante. Não o satisfazia. Você se lembra da rua dos cortiços, aquela, justamente ao lado do foro?*

— *Claro! Vários desses casarões foram incendiados! As chamas eram enormes, a noite ficou vermelha. As pessoas saíam apavoradas dos cortiços, feito baratas tontas, aos montes. Não sobrou nada. Só restos e cinzas... Mas, o que isso tem a ver...*

— *Não percebe? Leia os sinais! Que barulho foi esse?*

— *Não foi nada! É só o vento lá fora. Mas, me diga, não compreendo uma coisa... É como se você o observasse todo esse tempo. Como sabe de todas essas coisas?*

— *Pense: do que estamos falando? Olhe em volta. O que vê?*



— *O chão de madeira, as cortinas, o papel de parede, essa toalha de plástico... por que pergunta?*

— *Compreenda o que significa “olhar em volta”. Agora chega! Saia imediatamente daqui. Corra! Escute: aprenda a ler os sinais. Restos são rastros. Vá.*

*
* *

O corpo desaparecera. Há pouco o reconhecêramos pela barba, branca e bastante chamuscada. Vasculhamos o matagal inteiro, o que contornava o casarão centenário, agora em cinzas. Alguns buscavam o corpo com determinação, outros com profunda desesperança.

Desistimos. Íamos nos dispersar. Foi quando notei que, entre tantos, havia um rosto que transparecia a mais profunda capacidade de articulação. Relembrar, colher os fragmentos, os restos... ler os rastros. Bastaria?

De súbito, ele recordou... *o braço! Lembro do braço estendido como se apontasse em direção... em direção à pocilga! A pocilga!!!*

Corremos para lá, incrédulos. E, em meio à lama, estavam lá os restos. Pequenos papéis enlameados. E neles, escritas com letras miúdas, palavras ilegíveis, indecifráveis, quase apagadas: *...berdade... ...resis... ...lut...* Mas havia algumas poucas muito enigmáticas. E estranhamente límpidas: *Estou vivo. E voltarei.*





Antônio Castro Alves

Professor de Filosofia. (O que, se levado às últimas consequências, gera “questões filosóficas”: *se ensina, de verdade? Isso é filosofia?*).

Mas, para sair do impasse ou dúvida atroz, é preciso rir de si mesmo. O que é uma arte. Sendo assim, é a arte de ri que dissolve: as pretensões, a arrogância, a violência. O que implica o conceito de riso: aquilo que, ao dissolver, faz tudo fluir. O rio do filósofo. O tempo. Como o nosso tempo presente, esse que inspira o conto. Ou melhor, a vontade de contar sobre esse tempo.



A toxidade está entre nós

Gabriela Cavalcanti Mesquita

Imagino que, quando pensamos em algo que nos cause medo, logo nos vem à mente cemitérios, mansões, castelos, casas ou sítios mal-assombrados como cenário. Ou ainda nomes de escritores renomados nesse meio, como Mary Shelley ou Edgar Allan Poe. Mas sinto informar-lhes que eu não sou como eles. Não tenho uma escrita tão refinada e assustadora. Porém, resolvi escrever este relato com o intuito de vos alertar.

Gostaria de ter coisas bonitas e alegres para escrever, mas se você está esperando por um conto de fadas com um final feliz, sugiro que pare de ler. Pois isso não será encontrado aqui.

Sufocada. Corro rapidamente para a ducha, tirando toda a roupa que queima como fogo sobre a minha pele. Não entendo o que pode estar acontecendo. Meu corpo arde como se minha pele tivesse sido arrancada, mas não vejo nada. Alguém jogou algo em mim. Não encontro quem, não há ninguém no laboratório. Grito, choro de dor na esperança de que alguma pessoa venha em meu socorro. Meus apelos por ajuda são em vão. Quando paro de lutar, já não resistindo às chamas invisíveis que consomem o meu corpo, contorço-me, gritando e com o coração acelerado. Finalmente... caio da cama. Acordo com a respiração falha e assustada, com a certeza de ter mais um pesadelo sobre algo que estudei.



Metanol. Esse álcool bastante puro tem a sua chama invisível e, ao entrar em contato com a pele, através da sua combustão, causa queimaduras e ferimentos. Após virar a noite, estudando essa substância e vendo relatos sobre 35 mortes na Bahia causadas pela aguardente contaminada com álcool metílico, percebo que novamente tive pesadelos com substâncias químicas. Mesmo assustada, solto uma risada do ocorrido e vou lavar o meu rosto para acordar, pois tenho aula prática no laboratório dentro de algumas horas.

Quando chego à escola e entro no laboratório, noto que estou nervosa. Batimentos acelerados, sensação de frieza e enrijecimento do corpo. Logo me pergunto o porquê do meu medo. Então me recordo do pesadelo que tive e tento não deixar transparecer meu nervosismo para meus amigos e companheiros de classe. Começo então a fazer os processos que são sugeridos pelo professor.

Após terminarmos os procedimentos experimentais, todos saíram, mas, como gosto de organizar os laboratórios, fico até o final para deixar tudo arrumado.

Depois de insistir com o professor para me deixar lavar e colocar as vidrarias no seu devido lugar, consigo enfim ficar sozinha em um ambiente que sempre me deixa confortável. Acontece que, naquele dia, algo estava me deixando tensa. Mesmo não ligando para o pesadelo que tive pela manhã, existia alguma estranha e misteriosa sensação me tirando a paz.



Quando o céu escureceu, os alunos do segundo turno estavam começando a ser liberados. Eu já terminara a arrumação do laboratório e agora estava fazendo titulação de soluções enquanto esperava o professor terminar a aula do turno da tarde e pegar a chave comigo. Já estava melhor, e a sensação que estava sentindo antes havia passado. Porém, por um breve momento, eu gelei. Novamente meu coração acelera, paraliso de medo. Lembro-me do pesadelo que agora me parece ser tão real. Ouço um barulho no laboratório. Algo quebrou. Viro rápido para ver e... O vidro de acetonitrila está no chão, em pedaços. Desespero-me. Esse solvente orgânico extremamente fatal, se ingerido, inalado ou absorvido pela pele, agora está exposto no local onde estou. Tampo o nariz, tentando me proteger da inalação do solvente e corro para a porta do laboratório. Quando giro a maçaneta para abri-la, percebo que está trancada. Volto rapidamente para a bancada para pegar a chave. Porém, quando retorno para procurar, não a encontro. E, assim, finalmente percebo que alguém está tentando me matar! Eu tinha deixado a chave perto da porta, em uma das bancadas. Assim que o vidro que continha acetonitrila quebrou, achei ter ouvido a porta batendo. No início, pensei que fosse impressão minha, agora tenho a certeza. Estou sendo perseguida.

Penso em uma saída, tento abrir a porta, mas as tentativas são falhas. Começo a ligar para que alguém possa me tirar dali. Sem sucesso. Não há sinal de celular dentro do laboratório. Não posso gritar, a cada minuto que se passa, o



vapor de Acetonitrila se espalha pelo local. Após alguns minutos, lembro-me de que existe uma chave dentro de alguma gaveta do laboratório. A chave da porta de saída de emergência. Início a minha busca pela chave, a única forma que encontro de sair viva dali. Em pouco tempo, consigo encontrá-la e saio ofegante e sem ar para o lado de fora.

Assim que me recupero e notifico os seguranças sobre o ocorrido, fico sabendo que eles viram um rapaz entrar no laboratório. Era um aluno do campus, mas não sabem o nome. Nesse momento, meus olhos ficam inertes e perdidos em pensamentos nefastos sobre o que poderia ter acontecido comigo.

Volto para a casa, tomo um banho e tento manter a calma, confortando a minha mente com pensamentos de que o pior já passou. “Não irá acontecer nada”, digo em voz alta repetidas vezes, até enganar a mim mesma com esse pensamento.

Por este motivo comecei a escrever sobre o ocorrido, finalizando então o meu texto com um: “Após alguns dias, tudo voltou ao normal. Esse aluno ou ex-aluno deveria estar com raiva da Instituição e por isso fez o que fez. Fim.” Gostaria muito de terminar assim, porém, quando escrevi isso e fui dormir, acordei com um **“Fim?”** digitado no meu notebook.

Não sei o que pode acontecer comigo, por isto deixo esse relato a todos os alunos e servidores do Instituto. Todos dizem que estamos seguros dentro da escola. Mas será que





Luiza Lemoigne de Souza



isso é uma verdade absoluta? Não conhecemos uns aos outros, apenas sabemos o que gostaríamos de saber sobre as pessoas. A maioria de nós tem a capacidade de matar ou ter pensamentos horríveis em momentos de tensão. Basta saber qual é o lado que você está escondendo de si mesmo.

Amanhã terei aula prática novamente, mas estará tudo bem. Agora me sinto melhor e mais segura. Não deixarei de fazer o que amo por um infeliz ocorrido. Como diz o ditado “Tudo está bem quando acaba bem”.

FIM?



Gabriela Cavalcanti Mesquita

Tenho 17 anos de idade e gosto muito de ler e assistir a filmes, porque me fazem sonhar e sentir diferentes emoções, mesmo não estando no local em que estão acontecendo. Através dos livros, eu sinto que posso ser qualquer criatura e viver em diferentes épocas. Posso viajar, conhecer novos lugares, culturas e histórias diferentes sem sair do lugar. Para mim, a leitura faz sonhar e acreditar que sempre há uma saída, um refúgio ou abrigo para as tempestades contínuas da vida. Os textos sempre querem nos dizer algo. Nenhum texto é inocente. Eles conversam entre si em um diálogo constante. Devemos estar dispostos e saber ouvir o que eles nos querem dizer. E, assim, utilizar desse conhecimento para ajudar mais pessoas, nunca guardar conhecimento somente para nós. Para o futuro, pretendo seguir lendo ou até escrevendo. Quem sabe? Porém, quero



seguir na carreira Forense. Trabalhar como perito criminal na Polícia Federal, área que a cada dia eu descubro que amo mais. Para ser sincera, sempre gostei de um mistério; por isso a admiração por essa área. E foi exatamente essa paixão que me motivou a escrever este conto, tendo como inspiração os livros de Sherlock Holmes, escritos por Arthur Conan Doyle. Fico feliz e agradeço em poder participar deste concurso e espero que tenham gostado deste pequeno conto que fiz.





Esperança

Pedro Ribeiro Pinheiro

O homem sente mais uma vez o toque gelado da arma dentro de sua boca, esperando o eventual momento em que o objeto iria cumprir o seu propósito.

“Propósito”.

Como até mesmo um instrumento que provoca a morte poderia ter algum objetivo neste mundo enquanto ele, um ser no ápice da cadeia racional, é apenas um grande fardo?

Joshua pressiona o dedo com ainda mais força no gatilho da arma, tentando disfarçar o seu nervosismo. Era como se alguma coisa o prendesse a essa realidade e não deixasse a sua alma obter o merecido descanso.

Observou mais uma vez a grande metrópole através do vidro de seu escritório suntuoso. As grandes ruas iluminadas estavam como o de costume. Pessoas sonhadoras andavam de um lado para o outro como se fossem engrenagens em uma grande máquina sistemática, sem perceber que toda essa rotina e estresse não as levariam a nenhuma felicidade.

Joshua conhecia esse sentimento. Afinal, ele era o jovem empresário de uma grande multinacional que havia ficado rico através do próprio esforço e trabalho duro. Já foi ambicioso e visionário um dia, sempre buscando alcançar o inalcançável.



Joshua não conseguia mais encontrar razões para acreditar na humanidade, pois ele não apenas desprezava a corrupção, o suborno, o egoísmo, a sede de poder e a malícia natural dos humanos, como também praticava todos esses atos.

O empresário não podia suportar mais a existência de uma escória imunda como ele. Esse seria o seu fim.

Porém...

Joshua joga a pistola para longe com força, cai no chão e começa a chorar amargamente.

--

“Eu não sou como eles, sou especial”, pensou Joshua mais uma vez enquanto olhava para a janela e tomava a sua dose diária de álcool. Até a bebida e o tabaco não surtiam mais nenhum efeito em atenuar a sua depressão.

Esse era o pensamento motriz por trás de todas as suas atitudes. Ele havia nascido para ser diferente, para ser especial e estar no topo do mundo. Afinal, qual seria a graça de uma vida onde ele não poderia se destacar?

Joshua escuta uma batida forte na porta, era seu sócio: Felipe.

— Andou bebendo mais uma vez, não é Josh?! Quantas vezes preciso te falar que essas suas crises existenciais idiotas não são boas para os negócios?!

Joshua e Felipe haviam crescido juntos e, além de sócios, eram praticamente irmãos. Na verdade, Felipe



sempre foi uma espécie de conselheiro para o seu amigo, controlando suas tarefas e o auxiliando em sua agenda.

Joshua sempre fora o mais inteligente da dupla, naturalmente se considerando superior ao outro em quase todos os aspectos da vida. Porém esse sentimento de superioridade fazia com que Josh se sujeitasse a fazer a maioria das tarefas de Felipe, já que o seu grande orgulho não iria tolerar algum trabalho mal feito. Dessa forma, Felipe passou a se acostumar com essa relação e a tirar proveito disso sempre que podia.

Joshua já estava cansado de todos terem que depender dele para fazer tudo, estava farto das pessoas mesquinhas que diziam serem suas amigas apenas porque era ele quem pagava os seus salários no fim do mês.

— Já chega! — Joshua sai da sala estressado, deixando Felipe para trás.

— O que você acha que está fazendo, Josh?! Volte já aqui!

--

Josh estava de olhos fechados no píer da periferia local. Sentado em direção ao mar, enquanto observava o entardecer frio e melancólico, ocupava a sua mente com memórias longínquas.

Quando o empresário era criança, ele costumava ir com seus poucos amigos ao parque de diversão que existia próximo ao píer e atualmente esse era o único lugar que parecia trazer alguma calma para a sua mente aflita. Talvez o



velho píer o fizesse se lembrar da época em que ainda tinha um propósito.

— Por que eu não posso simplesmente morrer?! — indagou Joshua.

E então os olhos de Joshua se abriram.

— Com licença, senhor, será que eu poderia me sentar aqui? — perguntou uma jovem garota.

— Fa-faça como quiser — Joshua estava preocupado de que a moça tivesse escutado sua crise.

— É lindo, não é, o mar...? — As nuvens agora estavam dando lugar a alguns raios de luz típicos do pôr do sol.

— ...

— Toda vez que eu venho aqui todas as minhas preocupações simplesmente desaparecem junto com o lindo ritmo das ondas... Você sente o mesmo?

— Eu nunca parei para pensar nisso... — Joshua estava se irritando com a conversa fútil.

— Por que você quer tanto morrer, senhor? — disse a menina calmamente com uma expressão entristecida.

— I-isso não é da sua conta! — exclamou nervoso.

— Foi bem aqui, nesse píer, há alguns anos, o lugar em que meus pais foram assassinados.

— E porque eu teria algum interesse remoto nessa sua história patética? — Josh sabia que estava sendo indelicado, mas não tinha tempo e nem força mental para se preocupar com os problemas de outras pessoas.



— É que você não quis me contar o seu problema, então vou te contar os meus! Você sabia que desabafar pode fazer bem para o seu espírito? — disse ela com um leve sorriso.

— Isso é ridículo. Como se eu fosse falar da minha vida pessoal para uma completa estranha! Boa noite.

Josh se levantou nervoso e rumou para a saída do píer sem olhar para trás.

— Até quando pretende fugir de tudo dessa forma?
— Mas Joshua era demasiadamente orgulhoso para ouvir.

--

Alguns dias se passaram desde o misterioso encontro no píer, e a raiva de Joshua havia dado lugar a uma grande curiosidade. Na verdade, estava tão intrigado em como um indivíduo poderia demonstrar algum interesse remoto em sua felicidade que decidiu procurar pela desconhecida novamente no mesmo lugar.

Esperou no píer durante alguns dias até que finalmente cumpriu o seu objetivo.

— E então? Finalmente decidiu falar? — disse a garota, que estava de pé atrás do velho banco de madeira olhando para Joshua.

— Eu... fiquei curioso, só isso. Por que alguém como você estaria tão interessada em um completo desconhecido como eu?



— Naquela outra tarde... enquanto você falava sozinho, eu não pude deixar de perceber que você é muito parecido comigo algum tempo atrás.

— E como você era? — disse Joshua já impaciente.

— Eu... não tinha vontade nenhuma de viver... era como se nada mais fizesse sentido e o mundo inteiro fosse apenas uma ilusão criada por uma sonhadora para esconder um pesadelo terrível. É assim que você se sente, não é mesmo?

A última fala de sua garota despertou o interesse de Joshua, que se identificou com a descrição. Josh percebia uma verdade pura em sua voz, do tipo que não ouvia desde a morte de sua querida mãe quando ainda era criança.

O empresário não aguentava mais, ele precisava perguntar.

— Como... como você conseguiu se livrar desse sentimento?

— Eu apenas percebi que o mundo pode ser muito mais prazeroso, se você o encarar de forma simples, aproveitando os seus menores detalhes. Afinal... se nossa vida é tão curta, por que precisamos ficar nos cercando de pessoas ingratas e de problemas que não nos levarão a lugar nenhum?

Joshua recuperou novamente sua raiva habitual. Como aquela estranha poderia estar tentando resolver as suas tendências psicóticas com discursos mansos e tolos?



— Como você pode falar algo assim?! Você não faz ideia do que eu passo diariamente para poder me tornar melhor, para provar para o mundo que eu sou especial!

— E qual é o problema em não ser especial? — disse ela curiosa.

Aquela simples frase havia atingido Joshua assim como uma lanterna iluminava uma sala envolta em trevas. Será que essa garota representava o motivo pelo qual Josh ainda não havia deixado esse mundo?

--

Algumas semanas haviam se passado e Josh havia se encontrado outras vezes com a jovem. Além de ter contado sua história, havia aprendido muito sobre a trajetória dela. Soube que ela tinha um emprego como atendente de um pequeno mercado, que morava sozinha em uma casa alugada com seus dois gatos e que adorava sorvete de baunilha, coisas que o “antigo” Joshua teria considerado completamente inúteis.

Com o passar dos dias, Josh começou a sentir uma coisa que não havia sentido há muito tempo, ele começou a valorizar a vida de sua amiga.

“Amiga” — pensava ele com um sorriso torto no rosto — como alguém como ele poderia ter amigos?

--

Joshua caminhava apressado para o encontro de hoje quando de repente percebe que uma outra pessoa estava sentada ao lado de sua companheira: Felipe.



— Fe-Felipe?! Mas o que você está fazendo aqui?!

— Você realmente achou que eu não iria perceber, maninho? O seu desempenho na empresa caiu drasticamente nos últimos dias, e nós não queremos que o lucro despenque também, não é mesmo? — disse Felipe com um olhar malicioso. — Eu tinha certeza que você não é do tipo de pessoa que faz o seu trabalho de maneira medíocre; então, após investigar um pouco, acho que finalmente descobri qual era a sua distração.

O sócio agarra o braço da jovem com força e a obriga a levantar.

— Socorr-

— Cala a boca, vadia! — Felipe bate com força na face da garota.

— Seu...!!! — Joshua avança em direção ao seu amigo, que saca uma pequena pistola e a aponta na direção da sua refém.

— Ora, ora, ora... eu não achei que o orgulhoso Joshua Tame poderia valorizar a vida fútil de uma pessoa ordinária e insignificante como ela.

— Não! Não faça isso, Felipe! — Josh estava extremamente nervoso.

— Tudo bem, mas precisa garantir que nunca mais irá dar valor a coisas desnecessárias como essas!

O trio começou a ouvir algumas sirenes da polícia

— Droga! — Felipe arremessa a garota para perto de Josh.



— A polícia está a caminho, Felipe, você perdeu a cabeça?! Ficou tão obcecado com o dinheiro fácil que se esqueceu do que verdadeiramente importa?!

— O que verdadeiramente importa? Nossos pais teriam nojo de você se te vissem como está agora — Felipe cospe no chão com escárnio — O jovem prodígio está apaixonado! Quer saber, que se dane a polícia, eu posso comprar esses otários com o nosso dinheiro, e você sabe disso!

— Então eu me demito!

Joshua arranca o seu cartão da empresa e o joga com força para perto de Felipe.

— Espera, você não pode estar falando sério, Josh! Por que está jogando fora tudo o que construímos?! — disse Felipe chorando.

— É você que não entende nada sobre esse mundo, Felipe...

Felipe representava toda a sociedade normativa com que Josh aprendeu a se acostumar e que agora tanto desprezava. O ex-empresário se sentiu energizado, pois descobriu que finalmente possuía algo para proteger pela primeira vez em muito tempo. Ele não podia perder aquela garota.

— As pessoas estão doentes, agora eu percebo isso! Trabalham toda a sua vida para se sentirem especiais para no final deixarem tudo para trás! Dinheiro? Orgulho? Poder? Eu não preciso de nada disso! Eu quero viver!



Felipe não acreditava no que estava presenciando.

— Então pode vir, atire em mim! — ameaçou Joshua
— Eu quero ver quanto tempo você irá conseguir sobreviver sem o meu dinheiro.

O corpo inteiro de Felipe começa a tremer. O sócio deixa a arma cair no chão e começa a chorar com raiva de seu antigo amigo.

— Merda, Josh! Nós podíamos ter sido grandes! Podíamos estar no topo do mundo!

— Você perdeu... amigo.

--

Os policiais haviam finalmente chegado ao píer, prendendo Felipe.

A garota levanta e corre chorando para os braços de Joshua, que se surpreende com a ação e sorri. Colocando todos os seus problemas e preocupações para trás, o homem faz uma pergunta que deveria ter feito há algum tempo.

— Me chamo Josh, e você? Qual é o seu nome?

— Me chamo Esperança — disse ela sorrindo.

Josh estava em paz.



Pedro Ribeiro Pinheiro

Atualmente estou estudando para ser um técnico em química pelo IFRJ, porém no futuro pretendo atuar na área da saúde. Escrever, para mim, sempre foi um hábito muito prazeroso e satisfatório. Para esse conto, busquei fugir



dos clichês do gênero ao escrever um suspense psicológico, retratando a pressão social e mental a que os indivíduos contemporâneos são submetidos em suas vidas, de uma maneira que todos os leitores possam se relacionar.





O melhor amigo do homem

Pedro Fernandes de Oliveira

O som do sino rompe o silêncio desolante da noite, fazendo com que Fulgore acorde de seus devaneios. Não tão silenciosa era a noite assim: ventos violentos percorriam pela cidade indicando uma futura tempestade, corvos grasnavam suas indagações no telhado e havia também o rangido fantasmagórico de um barco abandonado e enferrujado que jazia no porto próximo ao bar. Entretanto, para Fulgore, esses sons eram abafados por seus pesados pensamentos.

O som que ouvira viera do sino localizado acima da porta de entrada do bar. O lugar estava praticamente vazio; àquela hora da madrugada, sobravam poucos clientes. O dono do estabelecimento observara, sobre seu velho bigode e olheiras carregadas, a entrada do estranho de sobretudo preto e chapéu. A silhueta fechou a porta, pôs seu fedora sobre o cabideiro de madeira e caminhou até o balcão. O piso rangia a cada passo.

Minutos se passaram e Fulgore já estava perdido em suas memórias do passado novamente. Seus longos cabelos negros caíam sobre o ombro; não os cortava desde que saíra das forças especiais. Seu porte físico, apesar de magro por natureza, era rígido e possuía vigor. Seu rosto, porém, não fugia de sua inevitável genética: era uma face fina onde a mandíbula robusta marcava sua presença. Sua testa enrugava



enquanto ele encarava o chão com seus olhos azuis, até que o estranho puxa uma cadeira e senta à sua frente.

– Boa noite, Fulgore – disse ele. O ex-agente continuou com sua expressão contorcida, porém a direcionou para o homem.

Ele retirara o sobretudo, porém continuava usando roupas negras e largas. Era uma pessoa extremamente pálida e magra. Seu sorriso incomodava Fulgore, mesmo sem motivo aparente.

– Como sabe meu nome? – indagou Fulgore. Sua expressão corporal era de defesa e de alerta. – Não me lembro de já o ter conhecido antes.

– Sou o seu melhor amigo – disse o estranho sorrindo maquiavelicamente. – Queira me desculpar. Foi rude de minha parte não me apresentar. Me chamam de muitos nomes, mas pode me chamar de Lúcio – estendeu a mão.

Fulgore continuou com sua posição defensiva. Um senhor esguio e de aparência mórbida se senta à sua mesa dizendo seu nome: uma situação no mínimo suspeita, ainda mais para um militar veterano e treinado. Ele estava alerta para sacar sua arma a qualquer movimento estranho de Lúcio, se é que esse era seu verdadeiro nome. Fulgore encara o homem por alguns segundos sem dizer nada.

– Decerto é uma situação estranha, admito. Deve estar se perguntando qual a minha finalidade aqui. Pois pode ficar tranquilo, meu amigo, apenas quero um jogo de pôquer. Ouvi falar muito bem de você: Fulgore, o invencível.



O ex-agente cede um pouco de sua postura rígida e cumprimenta Lúcio. Agora os pontos soltos foram explicados, porém o homem ainda tinha uma presença estranha e peculiar. Lúcio coloca o baralho sobre a mesa. Eram cartas diferentes, personalizadas: eram negras como cinzas de um metal queimado e seu escritos eram vermelhos como magma incandescente.

EMBARALHADA

Finalmente Fulgore iria ter um intervalo naquela noite de tormento; o jogo decerto iria lhe trazer a distração que precisava para fugir das memórias inflamáveis. Todo o sangue que havia despejado em sua última missão tinha de ir embora. O jogo agora começara, o jogo de máscaras, o jogo de pôquer.

– Não pense que será fácil me vencer – disse Lúcio ao ver sua mão inicial, erguendo as sobrancelhas. – Estou há anos nesse ramo. Por falar nisso, como ganhou essa fama tão de súbito? Ou melhor, sempre teve essa habilidade de que tantos falam?

– Depois que saí do meu emprego, usei minhas habilidades que obtive ao longo dos anos para ganhar a vida; afinal, tenho de me sustentar de alguma forma. A fama veio com o tempo. Eu aposto duzentos – disse Fulgore, levando as fichas ao meio da mesa.



– Uau! Uma aposta e tanto para a primeira mão. Isso equivale a quase um terço do total, e sequer sabemos o que há no *flop*. Interessante, como esperado. Eu cubro a aposta.

As três primeiras cartas foram reveladas. Nenhuma reação de ambas as partes. Depois mais duas cartas, e as mãos foram reveladas. Lúcio levou a primeira rodada.

– Certamente foi sorte – disse o ganhador. O vento sopra mais fortemente, e o barco enferrujado emite um ruído mais alto.

EMBARALHADA

Quando Fulgore viu seu par de cartas, seus olhos se arregalaram e seu coração bateu mais forte; era um par de damas vermelhas. Essa figura despertou em seu cérebro memórias que queria enterrar. Lembrou de seu maior amor, sua *dama* – assim a chamava.

– Vejo que não há líquido algum sobre sua mesa. Se eu levar a melhor nesse jogo, pagarei uma rodada – disse Lúcio.

– Eu não bebo – afirmou Fulgore, voltando de seu devaneio. Ele era um homem treinado, experiente, saberia lidar com quase qualquer tipo de pressão. Não era hora de ser assombrado por fantasmas do passado. Tendo isso em mente, Fulgore se recompôs.

– É raro ver alguém que não o faça nos dias atuais. Há algum motivo para essa escolha? Tem mulher e filhos? – Lúcio disse com um sorriso de canto de boca.



Mas Fulgore não notou o sorriso do homem. Nesse momento ele se desconectou do mundo real e se isolou em seu coração: um lugar sombrio e ensanguentado. A única coisa que via era a cena que tanto lhe causava agonia. Fulgore via sua amada sendo morta, morta por suas próprias mãos. Cometera um erro gravíssimo nessa missão, o que levou a esse acidente fatal. Nunca mais ele conseguiria dormir em paz em sua curta vida.

– Eu não tenho ninguém – respondeu rapidamente Fulgore, num tom que beirava o inaudível. – Aposto tudo – disse erguendo o olhar, acabando com o assunto e talvez com o jogo de uma vez por todas.

– Muito bem – disse Lúcio num tom maquiavélico.

As cartas foram reveladas. O som do barco abandonado tornou a soar.

Fulgore perdera.

EMBARALHADA FINAL

– Você me decepcionou, amigo. Achei que seria um desafio maior – disse Lúcio embaralhando novamente as cartas. – Mas a falta de fichas não é motivo para o jogo acabar.

– Como disse? Sabe bem que é um jogo de apostas. Não tem o menor sentido continuar sem as fichas – disse Fulgore, fechando o corpo e retraindo-se. O barco soou novamente.



– Não estou falando em dinheiro, amigo. Apostaríamos com outra coisa, algo muito mais valioso – Lúcio abriu um sorriso de orelha a orelha.

O ar ficou mais denso sobre os ombros de Fulgore. O ambiente onde estava distorcera-se: tudo ao seu redor obteve uma coloração avermelhada, e uma fumaça negra muito espessa começou a emanar da figura à sua frente.

– Apostaremos nossas vidas.

Lúcio pôs o baralho sobre a mesa e distribuiu as cartas. Fulgore, cujo corpo havia se retraído numa onda de medo e horror, agora começava a ganhar força e encarar o homem com um olhar duro. *Já enfrentei coisa pior. Se eu perecer aqui, meu tormento terá um fim, e eu terei o que mereço pelo que fiz a ela* – pensara ele.

Com a alma revigorada, Fulgore pega suas cartas sobre a mesa. Nota que tem um às e um oito, ambos de espadas. Na mesma hora um frio corre por sua espinha.

– Você é corajoso, tenho de admitir – disse Lúcio. – Vou lhe dar uma chance a mais. Pode decidir se aposta sua vida nessa mão ou na próxima.

– Quero ver o *flop* primeiro – retrucou Fulgore com um olhar duro.

– Que assim seja.

Três cartas foram viradas sobre a mesa. A cada carta nova o som do barco a ranger ficava mais alto. Ao ver a mesa, Fulgore sorri.

– Aposto a vida.



As cartas são reveladas.

– É a mão do homem morto – balbucia Lúcio boquiaberto.

– Somos dois, *amigo* – disfere Fulgore.

E, numa fração de segundos, o ex-agente saca sua arma e dispara contra o homem à sua frente. Entretanto, num piscar de olhos, todo o ambiente vermelho e macabro desaparece. À sua frente, onde sentava o homem de preto, jaz um espelho quebrado. Fulgore observa o objeto mais detalhadamente e nota que o buraco da bala marcava bem no reflexo de seu pescoço. Lúcio havia sumido.

Fulgore se levanta, olha ao redor e nota que o dono do bar não está mais ali. Caminha lentamente para a saída do estabelecimento. A cada passo, seu coração bate mais forte. A cada passo mais uma memória brutal dela. A cada passo o ruído do barco abandonado soa. A cada passo sua alma se perde mais e mais.

Abre a porta e ouve o sino ecoar em seus tímpanos. Nota que não há mais indivíduos pela rua – estranho, apesar do horário, pois sempre fora uma rua movimentada. Uma neblina densa toma conta de tudo. Fulgore sente que está sozinho no mundo novamente. Sente que não está mais no mundo onde nascera. Sente que nunca voltará a sentir, nunca mais.





Pedro Fernandes de Oliveira

Terror e suspense sempre foram meus gêneros favoritos, tanto para livros quanto para filmes e afins. Sou ávido leitor de Stephen King, minha maior inspiração para o gênero, além de ter também algumas influências de Allan Poe. Futuro físico e matemático, desejo cursar uma faculdade militar na área. Para a criação do personagem principal do conto, me inspirei nos protagonistas de “A Torre Negra”, de Stephen King, e da saga “Grau 26”, de Anthony E. Zuiker, autor de CSI. Já para a criação do antagonista do conto, tive como base o livro “Ultra Carnem”, do escritor brasileiro Cesar Bravo.



A dama da meia-noite

Gabriel Ronan de Britto Silva

Está tarde, talvez seja algo entre meia-noite ou uma da manhã. Eu estava voltando do trabalho, meu carro havia quebrado no dia anterior, então tive que voltar andando.

Minha rua era escura, vazia e não tinha muitas casas ao redor. Essa combinação me dava calafrios, mas isso não me impedia de continuar. — Ao menos a noite está bonita hoje — falei para mim mesma, esperando que o medo desaparecesse.

Começo a lembrar de coisas para passar o tempo. Seria muito melhor manter minha mente ocupada com algo que não seja alguém me parando no meio da rua para roubar minha bolsa... Ou pior.

Começo me lembrando da minha adolescência. Eu sempre fui uma jovem como qualquer outra. Estudava, brincava, discutia e chorava junto de meus amigos. Meus amigos não eram as piores pessoas do mundo, mas chamá-los de anjos seria mentira. Isso também vale para mim, é claro. Lembro-me muito bem de uma vez em que nós nos juntamos em casa para comer, beber, reclamar da vida... Bom, o mesmo que muitos adolescentes fazem normalmente. Naquela noite, Josh, um dos meus melhores amigos, teve a brilhante ideia de brincar do jogo do copo. Uma ideia perfeita, tirando os acontecimentos que vieram depois.



— Vamos, Julie! Coloque sua mão aqui! — disse Josh, apontando para o copo. Éramos sete, contando comigo e com Josh. Todos haviam colocado a mão no copo, fazendo perguntas estúpidas para os “espíritos”. Eram perguntas idiotas e as mais óbvias, normalmente vistas em filmes de terror. “Tem alguém aí?”. “Poderia demonstrar que está entre nós?”. Ah! Quase me esqueci, Josh também perguntou: “Você é do bem?”, como se o espírito fosse nos responder “Sim!”. Eu achava aquela brincadeira uma completa perda de tempo. Passamos cerca de uma hora tentando nos comunicar com o tal espírito, e nada aconteceu.

Quando pensamos em desistir, uma caixa que estava sobre um armário atrás de Josh caiu sobre sua cabeça. Depois do pequeno susto que todos levamos, eu pensei comigo mesma: “Obrigada, espírito!”, finalmente aquela brincadeira iria acabar e eu poderia descansar com todos no quarto de Alice. Alice era a dona da casa em que todos nós estávamos. Era uma grande casa, com vários quartos, dois andares... Bom, não me lembro de tudo o que tinha detalhadamente, mas era uma casa muito grande para uma menina como eu, que vivia em uma pequena casa com a minha mãe e meu pai.

Depois do incidente com a caixa, todos foram para seus quartos, como o esperado. Nós usamos dois quartos, separando as meninas dos meninos. Eu achava aquilo desnecessário, éramos apenas amigos e todos nós pensávamos da mesma forma, mas os pais de Alice temiam o pior. Na verdade, eu os entendo. Qualquer pai e mãe



ficariam preocupados com sua filha se ela estivesse cercada de meninos na puberdade.

Depois de algum tempo, todos estavam dormindo, inclusive eu, mas, no meio da noite, eu tive uma súbita vontade de usar o banheiro. Levantei-me com todo o cuidado possível, tentando não acordar minhas amigas que dormiam no chão ao meu lado, desviando de cada uma até chegar à porta, que foi aberta com um cuidado ainda maior, pois a mesma fazia um rangido terrível, que poderia acordar a casa inteira, dependendo da intensidade.

Depois de sair do quarto com sucesso, eu observei o longo corredor por que eu teria de passar para chegar ao banheiro. Estava escuro e eu não queria ter de acender a lâmpada, pois o corredor levava também ao quarto dos meninos, e acender a lâmpada agora significaria acordar muitos adolescentes de seu sono profundo, pois a luz iria adentrar os quartos. Tentando evitar a “fúria jovem” de todos os meus amigos, eu fui calmamente até o banheiro, arrastando minha mão pela parede para que eu pudesse me guiar durante o percurso, temendo um tropeço em algo que eu não notasse.

Após usar do banheiro eu fiz o mesmo percurso de volta ao quarto, novamente arrastando a mão pela parede. A poucos metros do quarto em que eu estava, eu escuto um pequeno rangido vindo do banheiro, como se alguém estivesse dando passos pesados contra o chão de madeira. Eu gelei no exato momento em que o escutei, mas logo



ignorei e continuei meu percurso. Depois de um segundo ou dois, ouço novamente o chão ranger. Nesse momento, meu coração havia parado por um segundo, me dando forças o suficiente para me virar e ver o que eu pensei ser uma mulher com roupas velhas e sujas, cabelos embaraçados e claros e um corpo que não parava de tremer.

Eu não conseguia fazer nada. Um simples ato como respirar estava difícil para mim. Queria gritar, correr, chorar, mas nada acontecia. Era como se eu perdesse completamente os sentidos de meu corpo. “É apenas minha imaginação”, eu pensei, mas apenas isso não fazia com que eu parasse de ver o que estava à minha frente.

Depois de um minuto, que me pareceu um ano, a mulher começa a se mexer lentamente. Nesse momento, eu quis estar no conforto de minha casa, qualquer lugar seria melhor do que aquele maldito corredor. Depois da mulher se mover dois metros lentamente, eu tive coragem, ou idiotice o suficiente, para dizer:

— De...deixe-me em paz! — aquelas palavras carregavam tanto medo que pareceram mais um pedido por piedade. A mulher parou de se mexer, como se todas as funções de seu corpo não funcionassem mais, porém aquilo durou apenas alguns segundos. Quando eu consegui me mexer, a mulher começou a correr em minha direção. Minha única reação, no momento, foi gritar e pôr a mão na frente do meu rosto, para impedir a visão da mulher que estava próxima o suficiente para ver os pequenos cortes em seu



rosto, lábios secos e os olhos com a mais pura escuridão, enormes olheiras, como se chorasse durante horas sem parar.

Depois de chegar a poucos centímetros do meu rosto, a mulher desaparece por completo, como se nunca tivesse estado ali, como se tudo aquilo fosse apenas a minha imaginação. Meus amigos logo vieram me socorrer, me perguntando o que havia acontecido, enquanto eu estava no chão chorando, como se tivesse visto a morte de meu ente mais querido.

— Por que estou me lembrando disso agora?! Eu deveria me lembrar de coisas que fizessem com que meu medo sumisse. Assim eu não iria enfartar nessa rua escura e vazia — disse eu, brincando para me distrair de meus próprios pensamentos.

Eu já estava a poucos minutos da civilização, mas, ainda assim, o medo só crescia. No momento em que eu pude me distrair de todo aquele medo, um calafrio passa por todo meu corpo. Parecia que toda a segurança que eu havia guardado tivesse se esvaído junto da brisa fresca da noite. Após alguns segundos, eu escutei um pequeno choro que ecoava por toda a rua. O choro estava vindo do meu destino. Tive a sensação de ter meu corpo petrificado por completo naquele instante. No fim da rua escura, eu pude ver a origem do choro, mas a distância fez com que minha visão ficasse escura devido ao esforço que eu estava fazendo para observar aquele ser, que se aproximava a cada segundo.



Minha reação no momento foi me esconder entre os arbustos que estavam em volta. Enquanto observava com cuidado, percebi que as luzes dos postes de toda a rua se apagavam à medida que pessoa se aproximava.

Depois de alguns minutos, eu tive a visão de uma mulher. Ela continuou andando lentamente, como se não tivesse me notado. Logo após, uma sensação de alívio passou pelo meu corpo, fazendo com que eu relaxasse. Depois de alguns segundos, a mulher quase estava fora da minha visão. Eu só tinha que esperar mais um pouco para que ela sumisse por completo, fazendo com que aquele momento de terror terminasse. Mal tinha percebido as lágrimas em meu rosto e o quanto meu corpo tremia de medo naquele momento, pois eu estava mais preocupada com a figura fantasmagórica à minha frente. A mulher ainda estava por perto, mas as folhas do arbusto impediam a minha visão. “É melhor assim...”, pensei. Preferia esperar que ela se afastasse sem que eu precise olhar para ela. Suas roupas estavam sujas, seu cabelo... era embaraçado e claro..., e seu corpo... não parava de tremer...

“Não... Não pode ser...”, pensei comigo mesma ao perceber que era a mesma pessoa que eu vi naquela noite. Meu rosto se enchia de lágrimas, enquanto eu segurava minha boca, impedindo que o mínimo som que eu pudesse produzir escapasse no momento. “Isso não pode estar acontecendo...”, pensei. Minha mente girava e meu corpo não parava de tremer, enquanto eu observava a mulher andar



lentamente, como se o fizesse de propósito, apenas para me deixar com medo.

Pensei ter visto a mulher parar a poucos metros de mim. Ela se mexia, mas eu não sabia exatamente o que ela estava fazendo, as folhas ainda me impediam de vê-la. Após alguns segundos, eu tomei a decisão de tentar me levantar um pouco para ver o que ela estava fazendo. Eu só queria que ela fosse embora, eu só queria ir para casa. Lentamente, eu me levantei para observar. Ela mexia seu rosto de um lado para o outro, como se estivesse procurando por algo. Era uma visão bizarra, seu corpo se mexia de forma desumana, como se não houvesse articulações, se contorcendo a cada momento enquanto tremia sem parar.

Após alguns segundos, um movimento da mulher na minha direção fez com que eu me abaixasse bruscamente, quebrando um galho que estava no chão próximo a mim, produzindo um barulho não muito alto, mas que talvez fosse o suficiente para alguém escutar daquela distância. Meu corpo não mais se mexia depois disso, como se tentasse esconder completamente a minha presença. Nem o mínimo som saía de mim, minha respiração sumiu por completo, nem uma ação simples como piscar foi feita nesse instante, temendo produzir o menor dos ruídos. Era como se eu não existisse mais.

Após alguns minutos, eu imaginei que ela tivesse ido embora. Pensei em me levantar o mínimo que fosse para conferir, mas o medo me dominou por completo.



Tomei coragem para observar ao redor, talvez planejando uma rota de fuga antes de olhar para a mulher novamente. Olhei para o final da rua, ainda escura. Era a rota de fuga perfeita. Mas ainda tinha de observar a mulher. Comecei a tomar coragem, imaginando as melhores das situações para que eu me acalmasse. Eu sabia que poderia ser rápida o suficiente para chegar à minha casa ou até mesmo à casa de algum vizinho.

Contei até três para me levantar e observar a mulher novamente. Eu tinha que ver se ela ainda estava lá, eu tinha que sair daquele lugar. — Um... — senti uma enorme onda de medo, que fez com que meu corpo não parasse de tremer e com que ainda mais lágrimas saíssem de meus olhos. — Dois... — nesse momento nada se passou pela minha mente, medo, ansiedade, ou qualquer coisa, como se ela me preparasse para o que estava prestes a acontecer. — Três! — pude escutar meu coração bater, como se aquilo fosse a última coisa que iria fazer na minha vida.

Após levantar, eu procurei pela mulher sem sair detrás daquele arbusto. Olhei para a direção em que a mulher se deslocava, e não a vi, olhei para a direção de onde ela vinha... Percebi que ela também não estava lá. Senti um grande alívio, como se todos os meus problemas tivessem se resolvido naquele momento, mas isso foi seguido de uma sensação de puro horror e desespero.

Pude ver uma mão segurar meu ombro, ela era pálida e fria. Demorei segundos até me virar lentamente e ver o



rosto da mulher, exatamente como da última vez. Só que agora ela carregava um sorriso bizarro em seu semblante.

“Olá... Julie... Há quanto tempo...”.

Após essas palavras, um grito ecoou por toda a rua, e todas as lâmpadas que ainda iluminavam o local se apagaram por completo.



Gabriel Ronan de Britto Silva

Em geral, gosto de desenhar, ler e escrever histórias de todos os tipos. Normalmente, eu penso muito antes de realmente escrever uma história, imaginando todos os pontos a que devo chegar para desenvolvê-la. Pretendo tentar publicar uma história de minha autoria daqui a alguns anos, mas tenho que concluí-la antes de fazer isso. Já que ela está sendo uma longa história, devo demorar dois anos para realmente concluí-la. Minhas inspirações para produzir esse conto foram as diversas histórias de terror e suspense que eu ouvi durante toda a minha vida, tanto de alguns amigos e parentes, quanto de livros e histórias que eu ouvi pela Internet.





O bilhete

Caio Torres e João Lucas

Dona Justina enlouqueceu: sua filha mais velha e amada desapareceu. Caio, noivo de Valentina, não parava um segundo de chorar:

— A culpa é minha, toda minha, ela preferiu correr sem rumo a se casar comigo, que tipo de homem eu sou?

Caio ficou amargurado e aprisionado dentro de si. O remorso de ter sido o último a falar com Valentina o perseguia de forma que ele não podia fugir.

Yasmim, amiga íntima de Valentina, não se conteve com aquela cena e desesperadamente falou em voz alta:

— Realmente, Caio, a culpa é sua. Você nunca confiou nela, ela não merece um noivo como você. Se ela fugiu mesmo, foi por sua causa.

Dona Justina interveio na conversa agressiva:

— Yasmim, pare imediatamente com essa discussão. Sei que é a melhor amiga de Valentina, mas brigas não resolverão nada...

Yasmim estava pálida e trêmula. Lucas, irmão de Valentina, se aproximou de Dona Justina, abraçou-a e falou:

— Mãe, iremos achar Valentina custe o que custar, porém, se ficarmos aqui sem fazer nada, não conseguiremos nada!

Lucas ainda terminou dizendo:



— Eu amo a minha irmã e, por isso, vou procurá-la, nem que eu vá sozinho.

Neste momento, Caio se encorajou e disse em voz alta:

— Não, Lucas, você não irá sozinho, eu também vou com você...

Dona Justina, então, disse:

— Todos nós iremos à procura da minha filha amada. Partiremos amanhã.

No outro dia, todos tinham acordado cedo, animados, pois tinham a sensação de que o mistério teria fim e de que Valentina estaria novamente naquela casa, trazendo alegria.

O casamento dela e de Caio seria na próxima semana, por isso Caio estava muito tenso com aquela situação. Não tinha dito uma palavra desde que o dia amanhecera. Yasmim e Caio se olhavam de forma perturbadora, como se estivessem mantendo um segredo.

Até que Dona Justina chegou à sala e disse:

— Vamos. O dia será longo, e eu não descansarei enquanto não achar Valentina. Lucas, por onde você acha melhor começarmos a procura?

— Mãe, eu sei que a Valentina gostava muito de ir ao bosque, principalmente de ir a uma cabana que fica perto do rio.

Yasmim, então, perguntou a Lucas:



— Que cabana é essa? E por que você acha que Valentina estará lá?

Lucas respondeu:

— Yasmim, Valentina gostava muito de andar pelo bosque quando ela era criança, principalmente para ficar a sós, apenas para refletir.

— O problema é que o caminho é extenso e perigoso. E parece que daqui a algumas horas começará a chover. Isso dificultará mais o caminho.

— Dona Justina, o que você acha?, Yasmim perguntou.

— Isso não me impedirá. Quem quiser vir comigo me acompanhe.

Mesmo sabendo que o caminho era perigoso, Dona Justina insistiu em prosseguir. Em poucas horas, todos já estavam no emaranhado do bosque, porém tudo era muito confuso, realmente Lucas não havia mentido em nada.

A noite então chegou, trazendo muito frio e medo. A cada hora que passava, a escuridão aumentava, e os barulhos da mata despertavam algo assustador dentro de cada um.

Caio fez uma pequena fogueira. Todos se achegaram para mais perto, comeram alguma coisa e foram para as suas barracas dormir.

A noite não foi fácil para ninguém. Apesar de todo medo oferecido pelo bosque, eles ainda não sabiam se encontrariam ou não Valentina e isso atormentava mais do que qualquer coisa.



Finalmente o dia chegou. A garoa ameaçava, indicando que a chuva estava para chegar, e as nuvens carregadas no céu nublado apenas correspondiam.

Dona Justina levantou cedo, guardando todo o acampamento.

Um rápido olhar entre Yasmim e Caio revelava que havia algo muito misterioso acontecendo. Dona Justina e Lucas foram guardando tudo rapidamente e avisando:

— Daqui a meia hora, partiremos, então façam tudo o que têm que fazer, continuaremos pelo sul do bosque, seguindo o rio.

Depois de muitas horas à procura, finalmente encontraram a cabana, que já estava bem velha. Yasmim foi correndo em direção à casa. Sem pensar em nada, ela gritava:

— Valentina, minha amiga, chegamos...Viemos te buscar...

Ao entrar na cabana, se acalmou e o silêncio predominou. Caio, Lucas e Dona Justina não acreditavam naquela cena que estavam vendo.

Valentina estava deitada sobre uma cama velha. Ela estava pálida, fria e sem alegria. Já não era a mesma: seus cabelos negros e compridos estavam sobre seus ombros, ela vestia um vestido longo e leve, de cor vermelha, o qual havia ganhado de Yasmim no dia de seu aniversário.

Todos estavam paralisados, até que Lucas viu um bilhete sobre a cômoda, abriu e começou a ler:



“Meu nome é Valentina Tavalhes. Sou noiva de Caio Mascarenhas e iremos nos casar na próxima semana, porém já não sei se quero me casar com ele, pois ele não confia em mim. Tem um ciúme doentio que me sufoca, então resolvi terminar nosso relacionamento antes de dar o passo irreversível e o mais errado de toda minha vida.

Mas, quando fui falar com ele, descobri algo que mudou minha vida. Algo que jamais imaginaria.

Eu vi Caio com outra mulher. Isso tirou o meu chão, pois eu confiava nela. E essa mulher que me apunhalou pelas costas se chama Yasmin, pois já não tenho coragem de chama-lá de amiga.”

Nesse momento, todos não acreditaram, mas não havia dúvida, era a letra de Valentina. A chuva caía lá fora. Tudo agora estava esclarecido de uma vez por todas.





A última vez

Giovanny Pinheiro Machado e Patrick Oliveira da Silva Filho

Meu nome é Katy. Há algum tempo eu estava vivenciando coisas que nunca pensei que iria vivenciar. Foi uma experiência horrível e me lembrar dela me traz memórias tristes até hoje. Depois do que presenciei, não dormi por noites com peso na consciência por existir, ter culpa por sacrificar vidas inocentes, confiar em pessoas que mal conhecia e ignorar as que me amavam.

A última vez em que eu havia respirado o ar de dentro da minha casa fazia quase dois anos. Me lembrava daquele último suspiro, daquela última sensação de segurança e paz, que naquele momento eu achava que eu não tinha. Tudo começou quando aceitei o convite da minha amiga Samantha para um acampamento em uma ilha. Não fazia muito sentido ir para um local tão distante apenas para acampar, ainda mais não estando em um período de férias escolar. Porém, no momento em que eu aceitei, não vi problemas. Então, arrumei minhas malas e fiquei esperando até o dia do encontro. Estava bastante ansiosa, pois não havia avisado a ninguém da família. Tinha certeza que eles não iriam me deixar ir e também pensei que ficaria menos de um dia fora de casa, o suficiente para não perceberem minha ausência.

Chegando o dia tão esperado, encontrei com os meus amigos e o grupo que iria acampar junto na costa, pois para



chegar a esta ilha era preciso atravessar o mar a barco. Um dos motivos de eu ir para isso se chamava James, um menino de quem eu gostava e que estudava junto comigo. Quando chegamos à ilha, ele me prometeu que iríamos ficar juntos para que meu medo da floresta diminuísse. Então, quando foram separados os grupos, o líder do acampamento, Paul, que mostrou ser uma boa pessoa por me colocar no mesmo grupo dos meus amigos, mandou-nos ir caçar comida para aquela noite. O lugar onde estávamos era cercado por árvores, mas Paul nos disse que havia um lago mais à frente, onde poderíamos encontrar peixes. Estávamos com pedaços de madeira em busca de peixes quando de repente vimos nossa amiga Samantha cair no rio após ser atingida por uma flecha. Eu e James tentamos fugir de quem estava nos atacando, mas um passo em falso me fez tropeçar e cai em um buraco alto e escuro, o qual parecia uma armadilha para pegar as pessoas que desconhecem o lugar. Depois desse momento, tudo escureceu e eu acordei em outro lugar.

O lugar parecia um tipo de cativeiro. Eu conseguia ver alguns integrantes do grupo de acampamento por ali, todos presos e com bocas tapadas por cordas. Dali eu era capaz de ouvir pessoas falando de fora do local. Uma voz me soava bem familiar, mas, naquele momento, eu não lembrava de quem poderia ser, só pensava no que poderia acontecer comigo e com as outras pessoas. Dentro do cativeiro, também havia alguns “guardas”, que pareciam estar ali para



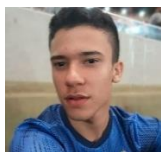
impedir que fugíssemos. Notei que, do acampamento, apenas James e Paul não estavam ali.

Depois de um tempo, vi Paul entrando no cativeiro, mas ele não parecia estar sendo refém, estava conversando com outro integrante daquela tribo e foi aí que percebi que ele não era aquele cara legal que parecia ser. Na verdade, o acampamento era uma armadilha, e Paul nos entregara àquela tribo. O pior de tudo foi ouvir dele mesmo que nós seríamos mortos por uma boa causa, para servir como alimento. Foi assim que percebi que estávamos lidando com canibais. Depois de falar isso para nós, Paul saiu do lugar.

Passado o tempo, ouvimos barulhos estranhos do lado de fora e vimos James entrando no cativeiro com uma lança e um arco e flecha. Não sei como ele havia conseguido aquilo, ele não nos explicou, apenas tentou nos tirar rápido dali, cortando as cordas com a lança e nos mandando correr para o barco. Parecia que tudo ia dar certo e todos nós seríamos salvos daquele lugar, mas, na nossa saída, Paul acertou uma flechada no peito de James. Aquela cena me traumatizou. Ele poderia ter fugido, mas voltou para nos salvar e, em troca, morreu. Chegando no barco, ainda estávamos aflitos, pois os capangas atiravam lanças em nossa direção, acertando um de nós e fazendo uma parte do barco quebrar. Saímos do alcance deles, porém o barco começou a afundar, e nem eu nem a Samantha sabíamos nadar. Por sorte havia duas boias na parte de fora, o que salvou nossa vida e fez com que voltássemos.



De volta à cidade, percebi que não deveria ter aceitado o convite de Samantha, quem eu conhecia há pouco tempo. Deveria ter contado sobre o convite aos meus pais e deveria ter procurado uma forma de me aproximar do James de uma forma menos rebelde e precipitada — mas como eu ia saber que era a última vez que veria ele? Mas foi aquela noite a última vez que olhei nos olhos dele, sem ter tempo ou chance dizermos um para o outro os nossos sentimentos. E hoje a solidão, a tristeza e a angústia possuem minha consciência de forma ensurdecadora, sou incapaz de esquecer tudo e caminhar novamente.



Giovanni Pinheiro Machado

Sou um jovem niteroiense que viveu grande parte da sua vida em São Gonçalo. Desde o Ensino Fundamental, sempre tive uma grande afinidade pela Língua Portuguesa: gostava da parte gramatical, porém me dava melhor criando textos. E era o que mais tinha prazer de fazer. Apesar de gostar de escrever, criar, não sou um leitor nato, mas pretendo forçar mais esse hábito. Uma das coisas de que mais gosto de fazer com relação a textos é criar várias histórias na mente quando estou no ônibus, ou filosofar sobre a vida. Minha maior inspiração para criar este conto foram textos lidos por mim com histórias que chocam o leitor, mesmo sabendo que é algo fictício. Então, decidi me inspirar neles para criar um conto de suspense.





Patrick Oliveira da Silva Filho

Sou nascido em Niterói, porém morador de São Gonçalo. Nunca tive um interesse por escrita como tenho agora, talvez porque nunca havia sido bom em Língua Portuguesa. Geralmente escrevo textos dissertativos, mas tenho como preferência os textos narrativos. A ideia de criar uma história me inspira e, à medida que escrevo a história e vou a imaginando na minha mente, melhor é a experiência de escrita. Para esse texto, me inspirei principalmente em histórias reais semelhantes a contada na narração.





A face obscura do ódio

Mariana Ferreira dos Santos Soares

Óregon, janeiro de 1964.

O casal Christopher Rhodes e Angelina Rhodes levava uma vida tranquila no interior da cidade de Portland, nos EUA. Descobriram que iriam ter um bebê. Christopher era agricultor, gostava de sobreviver do lucro que obtinha no campo. Angelina não tinha um emprego, mas tinha a costura como *hobby* e ocasionalmente conseguia adquirir alguns dólares comercializando sua arte, embora possuísse pouca vizinhança. Com a notícia de que estava grávida, Angelina estabeleceu que seria necessário se mudarem para o centro da cidade, pois a vida na província não seria apropriada para criar a criança que estava por vir. Christopher não ficou nem um pouco satisfeito com a ideia, pois para ele o campo era a única maneira de se sentir próximo ao seu pai, que veio a falecer quando ele ainda era adolescente. Todavia, ele teve que abrir mão de sua felicidade para que não deixasse sua esposa destinar-se desacompanhada para a cidade. Conturbado com toda a situação, ele conduziu-se...

Após alguns meses morando na capital Salem, nasceu Janeth, filha do casal Rhodes. A vida na cidade estava sendo exorbitantemente árdua para Christopher. Embora tivesse conseguido um bom emprego e uma estabilidade financeira, ele não se sentia realizado. Não havia meios que o fizesse adaptar-se à nova vida, e isso foi aniquilando os sentimentos



bons que existiam no modesto Christopher. Murmurava o inditoso chefe de família que Janeth era uma criança malevolente.

14 de março de 1965.

Após ter ingerido muito álcool, depressivo, Christopher em sua caminhonete pega a estrada, seguindo em direção à sua antiga casa, trajeto onde havia árvores gigantescas, e o nevoeiro e a escuridão eram predominantes. A música no volume máximo contribuía com sua moléstia e desgraça de vida. De repente uma criatura de aparentemente um metro e meio de altura e pelugem de cor preta surgiu à frente da caminhonete, causando naquele momento um grave acidente. Depois de alguns dias do desaparecimento do marido, sem ao menos alguma notícia no jornal, sua esposa Angelina pediu ajuda ao Departamento de Polícia do Estado do Oregon. Com a eficiência e agilidade da polícia, rapidamente conseguiram identificar o local do ocorrido, mas, para a surpresa de muitos, naquela estrada, foi encontrada apenas a caminhonete, sem o menor sinal do corpo de Christopher ou mancha de sangue no chão. Um mistério que jamais foi desvendado pela polícia que investigava o caso...

Aproximadamente dois anos após o desaparecimento de Christopher, Angelina veio a óbito. Com sua morte, Janeth, ainda criança, foi adotada por um casal italiano que a acolheu muito bem.



Com 27 anos de idade, Janeth investia em sua carreira, estudando Antropologia na Western Oregon University. Carregava consigo um colar vultoso, que continha a foto de seus pais. Jovem, órfã, dona de um olhar encantador, despertava o interesse em muitos rapazes de sua faculdade. Mas a bela moça só dava espaço a um único homem, Estevão, sujeito tenebroso que ela conheceu em uma taberna, dono de uma fisionomia que era perfeita aos olhos de Janeth. Tão insistente e convicto do que queria, em uma noite demasiadamente fria, persuadiu Janeth a levantar-se de sua cama e sair com ele para um passeio.

– O que te faz insistir tanto em vir aqui fora? – Janeth disse intrigada.

– Meu amor, nada como seu abraço para aquecer-me nesta noite incrivelmente fria – respondeu Estevão.

– Justamente por isso, Estevão! Por que não encontraste comigo em minha residência? Garanto-lhe que lá estaria sendo mais satisfatório do que aqui – Janeth disse, incomodada com o frio.

– Tranquelize-se, meu anjo! Em meio à pureza da natureza, tudo é melhor! Tudo é melhor! – bradou Estevão indelicadamente com um tom de voz agudo.

Janeth, ainda um pouco assustada, prosseguiu caminhando com o tenebroso Estevão na rua deserta, rodeada por uma floresta, cada vez mais longe de casa... O casal vagava pela noite fria e sombria, quando eventualmente uma luz intensa refletiu no colar de Janeth. Trêmulo, Estevão





Pedro Fernandes de Oliveira



consecutivamente dizia: “Só há vida aqui!”. Seu tom de voz ia aumentando a cada citação junto à sua tremedeira. Janeth, imensamente assustada, sem conseguir compreender o que estava acontecendo, se deparou com o surreal e mais real que estava à sua frente e caiu ao chão, desfalecendo-se ali.

Nem todas as histórias possuem finais felizes, esta é uma delas. Nem todo mal vem para o bem, como diz um ditado popular. O ódio tem a capacidade de dominar e transformar pessoas, dando a elas faces obscuras, eis a sua maior peculiaridade...



Mariana Ferreira dos Santos Soares

Atualmente sou estudante do curso de Química. Nas horas vagas, gosto de praticar esportes e fazer trilhas. Ainda um pouco indecisa, penso em futuramente cursar Geografia na faculdade. Sobre o conto, confesso que nunca fui amante de livros, mas que, desde pequena, costumo escrever, compor música e fazer poesias. Não deixei isso de lado até os dias de hoje... E o que me fez querer participar do concurso é que, além de a temática ser o suspense, pelo que eu particularmente sou apaixonada, muitos amigos me disseram que eu deveria participar.



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-65-80175-02-4



9 786580 175024